

---

# UM ACONTECIMENTO TRAUMÁTICO

*Gesianni Amaral Gonçalves*

*Guilherme Massara Rocha*

*Eis um acontecimento em seu estado mais puro e essencial: algo chocante, fora do normal, que parece acontecer subitamente e que interrompe o fluxo natural das coisas [...]*

**ZIZEK, 2017**

*ob ineb of nature!<sup>1</sup>*

**FREUD, 1929**

Um vírus matou mais de 4 milhões de pessoas no mundo. Um acontecimento. Na língua francesa, um acontecimento é considerado um fato importante que ocorreu a alguém, portanto, um fato histórico significativo (ARPIN, 2016). No dicionário da língua portuguesa, o termo designa: “o que acontece; tem existência real; evento, fato; aquilo cuja ocorrência é imprevista, não planejada; eventualidade” (ACONTECIMENTO, 2001). No âmbito da filosofia, o termo fala sobre uma ocorrência ou mudança no estado do mundo, isto é, algo que se sucede em um ponto do espaço, durante certo período de tempo, e que

---

1 Ó polegada de natureza!

possui um caráter pouco comum ou mesmo excepcional. Em um sentido mais geral, qualquer ocorrência pode ser considerada um acontecimento. E no sentido mais estrito, acontecimentos são apenas as ocorrências dignas de registro, aquelas que merecem ficar na história.

Uma distinção comum, feita para delimitar a noção de acontecimento, é entre o ato e o acontecimento. O ato é algo feito por alguém, implica uma causalidade ou iniciativa, ou seja, o sujeito é agente ou autor da ação. O acontecimento é algo que acontece ao sujeito, portanto, ele é apenas receptor dos efeitos, um ser que sofre uma ação, mas não é autor. Daí, podemos empreender que um acontecimento porta uma transformação, como se marcasse um antes e um depois, sendo capaz de alterar o horizonte de significado e determinar a forma como percebemos a realidade e nos relacionamos com ela.

Zizek propõe pensar o acontecimento como um efeito que excede suas causas e traz de volta a multiplicidade e o questionamento: “seria um acontecimento uma mudança na maneira como a realidade se apresenta a nós ou uma violenta transformação da realidade em si?” (ZIZEK, 2017, p. 11). Ele alude, ainda, à impossibilidade de qualquer fato empírico ser objeto de um conjunto de signos e narrativas que o circunscreva no quadro de uma figurabilidade plena.

O autor estabelece uma classificação do acontecimento tendo como base a tríade lacaniana do imaginário, do simbólico e do real. Demarcamos, em uma pesquisa mais ampla, que foge ao escopo deste trabalho, o tipo que se desdobra em cada uma dessas dimensões. Aqui, interessa-nos a vertente do real. O acontecimento real é algo que não pode ser diretamente simbolizado, como um encontro traumático que desestabiliza inteiramente o universo de significado. É similar à experiência que cada um vem vivenciando com o isolamento, com o adoecimento, com o luto e com a iminência da morte, devido à covid-19, doença que surge mostrando a angústia como um sinal do real, capaz de desestabilizar a ordem simbólica em que existimos, marcando o aspecto traumático do acontecimento.

## Pandemias

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de importância mundial, o mais alto nível de alerta conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada como uma pandemia (OPAS, 2020).

O termo pandemia tem sua origem etimológica derivada do grego *pandemías*, representada pela junção dos elementos: pan (todo) e demos (povo), ou seja, todo o povo. Ele significa a disseminação continental ou global de uma doença através de uma contaminação sustentada, em que o principal determinante é o poder de contágio e proliferação geográfica. É o que ocorreu com o coronavírus de 2019, Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 – SARSCoV 2*), que causa a covid-19 (coronavirus disease of 2019) – ou pneumonia de Wuhan, nome declarado pela OMS em janeiro de 2020 e depois substituído –, tornando-se uma emergência de saúde pública de interesse global.

Frente ao cenário mundial, temos no Brasil uma realidade aterrorizante, marcada por dados<sup>2</sup> que quantificam cerca de 21 milhões de casos confirmados da doença e 594 mil óbitos causados pelo vírus (BRASIL, 2020). Mais do que dados, estamos falando de vidas que estão sendo ceifadas, de pessoas em sofrimento físico (em função da doença e seus sintomas) e sofrimento psíquico pelo temor da contaminação, pela insegurança gerada pela crise econômica e pela angústia presente na incerteza do futuro e na certeza da finitude.

A tal sofrimento pode-se acrescentar um outro, que se refere à condição prévia de mal-estar subjetivo e social que a pandemia parece consubstanciar e amplificar. Esse é o argumento de Giorgio Agamben, que afirma que “ainda

---

2 Dados atualizados em 27/09/2021.

que inconscientemente, a praga estava ali, aparentemente as condições de vida das pessoas haviam se tornado tais que um sinal foi suficiente para que aparecessem como o já eram, ou seja, intoleráveis como uma praga” (AGAMBEN, 2020, p. 134). Seria nessa medida que o efeito traumático da pandemia se duplicaria, recolocando em cena aspectos do mal-estar na cultura e esgarçando os véus e semblantes com os quais a intolerabilidade dos modos hipercapitalistas de relação entre vida e trabalho seriam até então suportados, com base na suposta contrapartida de uma existência livre, saudável e garantida pelo acesso básico ao consumo e à subsistência.

Profissionais de saúde, cientistas e especialistas acentuam a necessidade de contenção e isolamento que se dirige, também, para o atraso e/ou mitigação da velocidade de difusão da doença, além de servir como medida de prevenção à contaminação. Destarte, a medida de isolamento social passou a figurar como a estratégia mais apropriada para lidar com o surto da covid-19.

Além dos impactos biológicos e econômicos, a pandemia repercute significativamente na saúde mental, também pelas situações de isolamento, que provocam sentimentos de desamparo, tédio, solidão e tristeza. Esses aspectos tendem a intensificar o mal-estar, produzindo alterações subclínicas e emergências subsequentes (DELBEN *et al.*, 2020).

As situações ou ambientes de isolamento e confinamento, a exemplo dos necessários para conter a rápida evolução da covid-19, potencializam os impactos em saúde mental a curto e a longo prazo. O confinamento, geralmente feito em forma de quarentena, implica a restrição de circulação das pessoas para evitar o potencial de crescimento do contágio, e se diferencia do isolamento, que separa doentes de pessoas saudáveis ou sob suspeita, embora ambos os termos sejam utilizados como sinônimos durante pandemias (DELBEN *et al.*, 2020).

O fato é que isolar-se ou confinar-se, aliado às consequências da instabilidade, insegurança e desamparo que dominam a população, deflagra uma crise psicológica sem precedentes, capaz de indicar a angústia como sinal que “é da ordem da irreduzibilidade do real” (LACAN, [1962-1963], 2005, p. 178).

## O propósito da vida

O termo “paixão pelo real” é uma construção do filósofo francês Alain Badiou, citado por Zizek, para ressaltar o novo relacionamento do humano com a realidade no século XX. Segundo ele, enquanto no século XIX as pessoas faziam uma busca incessante e apaixonada pelos seus ideais utópicos ou científicos; no século XX, essa paixão humana vai se voltar para o real, a coisa em si. Com essa terminologia, Zizek (2003) mostra que Badiou efetua uma construção que visa encontrar resposta a uma questão fundamental: qual é a origem do sofrimento social que sustentou, no século XX, a crítica às nossas formas de vida naquilo que elas têm de mais fundamental?

Tendo como ponto de partida e inspiração o texto freudiano *O mal-estar na civilização* (FREUD, [1929]/1980), em sua indelével atualidade, podemos conjecturar que a inquietude do filósofo acerca da origem do sofrimento social saciou parcialmente sua sede nas fontes freudianas, que já indicavam o antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Recordemos que o título original que Freud deu a essa obra foi “A infelicidade na civilização” e que, diante das dificuldades de tradução, chegou a sugerir para a tradutora francesa “O desconforto do homem na civilização”. A solução para esse impasse deu-se com o título que hoje conhecemos.

Independente do nome – infelicidade, desconforto ou mal-estar –, aquilo que está no cerne da elaboração freudiana, e que Badiou utiliza em sua indagação, é a constatação de que a vida em sociedade é marcada pelo sofrimento. A vida é frágil, e ter ciência de sua finitude é fonte de mal-estar para os seres de linguagem. Mesmo assim, o peso da existência conclama a um propósito da vida. A pandemia insiste em lembrar, diariamente, a sociedade contemporânea que ela pode estar por um fio.

Paralelamente a esse diagnóstico, referido ao desamparo e à morte, cumpre refletir sobre as análises que dizem respeito às condições e expectativas de transformação social que advém da noção de superação da pandemia. Han (2020) afirma sem rodeios que:

o vírus não vencerá o capitalismo. A revolução viral não chegará a produzir-se [...] o vírus nos isola e individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De algum modo cada um se preocupa apenas com sua própria sobrevivência. A solidariedade consistente em guardar distâncias mútuas não é uma solidariedade que permita sonhar com uma sociedade distinta, mais pacífica, mais mútua (HAN, 2020, p. 110).

Esse argumento, no entanto, pode ser relativo quando são observadas, por exemplo, as manifestações políticas que se espalharam pelo mundo pandemizado depois do assassinato do cidadão norte-americano George Floyd. Foi uma situação em que a distância física mútua se viu suplantada e posta em questão, a partir da eclosão de atos públicos coletivos múltiplos, que interpelam diretamente as formas de racismo não mais toleráveis em nosso século, mas também as práticas totalitárias e de exceção dos regimes de poder.

Ainda que não vitimados pelo racismo homicida, uma parcela significativa da população norte-americana se viu confrontada com a vulnerabilidade social (e mesmo biológica) a que está exposta, em virtude de um sistema de saúde privatista, insuficiente em termos de cobertura global da população e refratário, ao menos até o momento, a todos os esforços de incorporação de políticas públicas.

Cumpre perguntarmos aqui se, de algum modo, o episódio do assassinato em Minneapolis recrudescer e dá visibilidade à demanda social pelas condições de um luto público, especialmente se pensarmos nos contornos de Judith Butler para o tema. Num dos mais marcantes escritos da década passada, acerca da política dos corpos, a autora interroga: “O que conta como uma vida vivível e como uma morte passível de ser enlutada?” (BUTLER, 2019, p. 13). A fórmula dessa indagação já contém em seu cerne a ideia de uma articulação entre esses dois termos, pois indica que a experiência de uma vida passível de luto – ou de sua expressão política maior, a forma e o reconhecimento social do luto público – já é a expressão da condição de reconhecimento de uma vida vivível.

Em agonia, e com o pescoço premido pelo joelho de seu executor, Floyd ainda é capaz de emitir a frase “Não consigo respirar”. A força perlocucionária dessa frase, sonoramente negada por aquele que mais deveria escutá-la, reverberaria no espaço público como um poderoso significante que referencia, ao mesmo tempo, o clamor da vida nua de um sujeito e a fórmula do mal-estar da cultura na pandemia, expresso pela figura irrepresentável da morte por sufocamento, provocada por um vírus não menos enigmático.

O mundo, tal como sugerido por Agamben e questionado por Badiou, já vem se desenhando como espaço de respiração rarefeita há décadas. O acontecimento covid-19 – do qual precariamente é possível falar dada sua incandescência atual – expõe a nu um corte de camadas de (não) sentido: subjetivas, econômicas, políticas e sociais que, de algum modo, subscrevem-se em torrentes de identificações, sob a tutela da dramática frase de George Floyd, “*I can’t breathe*”.

Retomemos a menção que Freud fez ao escritor Theodor Fontane, ícone do realismo alemão: “A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis” (FREUD, [1929]/1980, p. 93). O autor salienta que a infelicidade é mais fácil de experimentar e com muita clareza delimita três direções a partir das quais o sofrimento nos ameaça: o corpo, “[...] o mundo externo que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas e nossos relacionamentos com os outros homens” (FREUD, [1929]/1980, p. 95). Na esteira de suas elaborações, o psicanalista afirma que: “o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer” (p. 94), concluindo que esse princípio é marcado pelo fracasso. Veremos mais à frente como Lacan, em seu retorno à Freud, nomeará (aquilo que a ele se impôs) o obstáculo a esse princípio.

Considerando esses aspectos, é legítimo dizer que a vida está fadada a ser fonte de conflito e mal-estar. Sabendo então que a questão de Badiou retomada por Žižek (2003) é partidária da ideia freudiana das origens do sofrimento humano, resta compreender, no termo “paixão pelo real”, a



que real se refere o filósofo. Bateremos à porta do deserto do real, sem ultrapassá-la, mas, antes vamos à resposta da questão de Badiou.

Safatle (2018) nos auxilia a responder à pergunta, indicando que o sofrimento vem de uma paixão, um afeto produzido pelas exigências de manifestação de um real “horrrível e entusiasmante, mortífero e criador” (SAFATLE, 2018), que deve, no limite, livrar-nos de uma subjetividade esgotada a fim de instaurar uma nova pessoa. É o afeto que fornece a inteligibilidade do movimento do século XX, em sua dinâmica fundamental, daí resulta o termo: “paixão pelo real”. Esclarecida a origem dessa expressão, utilizada como argumento na obra de Zizek: *Bem-Vindo ao deserto do Real!* (2003), propomos, parafraseando Badiou, outra questão: há paixão pelo real capaz de fornecer alguma inteligibilidade à pandemia da covid-19?

## **A máscara do real**

O real do qual fala Badiou, mencionado por Zizek (2003), vem de Jacques Lacan, para quem a realidade humana (e o direcionamento da clínica) é marcada por três registros: imaginário, simbólico e real. Lacan introduz esse ternário no campo analítico durante sua conferência intitulada *O simbólico, o imaginário, o real*, pronunciada em 1953, na abertura das atividades da Sociedade Francesa de Psicanálise (Société Française de Psychanalyse).

O real não está ligado a um problema de descrição objetiva dos estados das coisas. Ele diz respeito a um campo de experiências subjetivas que não podem ser adequadamente simbolizadas ou colonizadas por imagens. Isso nos explica porque o real é sempre descrito de maneira negativa, como se fosse necessário mostrar que há experiências que só se oferecem ao sujeito sob a forma de processos disruptivos (SAFATLE, 2018).

O termo real, empregado como substantivo por Lacan, foi “extraído, simultaneamente, da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 644). De 1959 (*Seminário livro 7: a ética da psicanálise*) a 1980 (Conferência de Caracas/



Venezuela), Lacan aborda o real de diversos modos. Contudo, a noção de real como o impossível e como obstáculo ao princípio do prazer parece não se alterar em seu ensino. São essas noções que coadunam com o acontecimento traumático advindo com a covid-19.

No *Seminário livro 23: o sinthoma* ([1975-1976]/2007), Lacan afirma que o real é sem lei e sem relação com o sentido. Nesse mesmo evento, o psicanalista realiza uma aproximação do real com o fogo. Ele diz: “O fogo é o real. O real põe fogo em tudo. Mas é um fogo frio. O fogo que queima é uma máscara, se assim posso dizer, do real” (LACAN, [1975-1976]/2007, p. 117). Ao metaforizar com o fogo frio, ele fala do sentido enquanto excluído do real, o impossível de ser pensado, o fundamento do real. Ao escancarar corpos armazenados em câmaras frigoríficas e caixões em enfileirados em valas coletivas, o acontecimento traumático covid-19 dá provas do princípio lacaniano, em que “a pulsão de morte é o real na medida em que ele só pode ser pensado como impossível” (LACAN, [1975-1976]/2007, p. 121). Sobre o real como impossível, o psicanalista diz:

Quer dizer que, sempre que ele mostra a ponta do nariz, ele é impensável. Abordar esse impossível não poderia constituir uma esperança, posto que é impensável, é a morte – e o fato de a morte não poder ser pensada é o fundamento do real (LACAN, [1975-1976]/2007, p. 121).

O real, vazio de significante e por isso impossível de ser pensado, é desdobrado nas ideias freudianas em *Além do princípio de prazer* ([1920]/1980), portando outra definição: “[...]o real em questão tem o valor do que chamamos geralmente de um trauma” (LACAN, [1975-1976]/2007, p. 127). Assim vemos que o que está em jogo no trauma é sempre o real, o traumático é o real.

A covid-19 é o acontecimento traumático, também no sentido freudiano. Há uma sobrecarga de estímulos no aparelho psíquico, sinalizando para momentos em que o sujeito é inundado pela angústia, vinda de seu encontro com o inesperado, no qual não há possibilidades de enfrentamento, e ele

acaba sucumbindo ao desamparo. É relevante constatar o termo que Freud utiliza para se referir ao trauma: acontecimento. Assim, ele vincula ambos: “um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis” (FREUD, [1920]/1980, p. 45).

## **Considerações finais**

A partir dessas reflexões, podemos arguir sobre uma dificuldade que o sujeito vive de articular sua cadeia simbólica aos acontecimentos traumáticos como a doença, a dor e a morte. Resta saber o que cabe ao psicanalista em sua função frente a esses acontecimentos. Lacan faz uma advertência: “[...] para serem psicanalistas conviria, no entanto que vocês meditassem de vez em quando num tema como este, se bem que nem o sol, nem a morte, possam ser olhados de frente” (LACAN, [1955-1956]/2002, p. 361). Ele convoca os analistas, diante do perigo trazido em situações de crise, a conduzir o tratamento pela via do significante, alertando que: “após o encontro, a colisão, com o significante inassimilável, trata-se de reconstituí-lo[...]” (LACAN, [1955-1956]/2002, p. 360).

Restaurar a cadeia simbólica é a sugestão lacaniana que está em plena consonância com a orientação de Freud, ao propor a associação livre como regra fundamental da psicanálise. A experiência psicanalítica é marcada pela palavra; a clínica analítica foi criada pela liberação da fala e prescreve que o analisando fale tudo o que lhe vier à cabeça, sem qualquer restrição e censura. Na análise, trata-se de associar livremente para trabalhar com as ressonâncias desse dizer e evidenciar a expressão de conflitos existentes entre diferenças que nos habitam – das mais tênues às mais abomináveis, radicais e difíceis de serem conjugadas (JORGE *et al.*, 2020). A única regra da psicanálise é correlata à própria estrutura do campo psicanalítico aberto por Freud: a essencialidade da escuta, na qual analista e analisante devem ser capazes de ouvir um ao outro.

Sabemos, com Freud, que o reconhecimento das fontes de sofrimento que nos submetem ao inevitável também direciona nossa atividade, nos mobilizando na busca de alternativas. Não seria esse também um direcionamento para os analistas em tempos de pandemia?

“Se não podemos afastar todo o sofrimento, podemos afastar um pouco dele e mitigar outro tanto” (FREUD, [1929]/1980, p. 105). Não vemos outra saída para amenizar o mal-estar daqueles que nos procuram, frente ao real avassalador da pulsão de morte, que não seja pela fala: “Nada há de criado que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala” (LACAN, [1953]/1988, p. 242). Que seja esse o lugar do analista, onde a questão do desejo se coloca para o sujeito. Que seja essa uma trama a ser tecida pelo fio do simbólico.

## Referências

ACONTECIMENTO. *In*: HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0.**, 2001.

AGAMBEN, Giorgio. Reflexiones sobre la peste. *In*: AGAMBEN, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.** Buenos Aires: Pablo Amadeo Editor, 2020.

ARPIN, Dalila. **Événement de corps et avènement de signification.** 2016. Disponível em: <https://www.lacan-universite.fr/wp-content/uploads/2016/04/3-D-Arpin.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de vigilância em saúde. **Dados consolidados sobre o COVID-19.** Brasília, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BUTLER, Judith. **Vida Precária: Os poderes do luto e da violência.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

DELBEN, Paola Barros *et al.* Saúde mental em situação de emergência: COVID-19. **Debates em Psiquiatria.** v. 10, n. 2, p. 18-28, abr./jun. 2020. Disponível em: [https://d494f813-3c95-463a-898c-ea1519530871.filesusr.com/ugd/c37608\\_909ea3ff3b1c4ad3a032a853f68315b7.pdf](https://d494f813-3c95-463a-898c-ea1519530871.filesusr.com/ugd/c37608_909ea3ff3b1c4ad3a032a853f68315b7.pdf). Acesso em: 28 jun. 2020.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 21. Rio de Janeiro: Imago, [1929]/ 1980.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud.** v. 28. Rio de Janeiro: Imago, [1920]/ 1980.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. *In*: AGAMBEN, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.** Buenos Aires: Pablo Amadeo Editor, 2020.

JORGE, Marco Antônio Coutinho *et al.* Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento – e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.** v. 23, n. 3, p. 583-596, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p583.9>. Acesso em: 19 jun. 2020.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1953]/1988.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3**: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1955-1956]/ 2002.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1962-1963]/2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23**: o sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1975-1976]/2007.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Folha informativa** – COVID-19. 2020. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875). Acesso em: 4 jun. 2020.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. De que filosofia do acontecimento a esquerda precisa? **Revista Cult**, 232 ed., 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/de-que-filosofia-do-acontecimento-a-esquerda-precisa/>. Acesso em: 8 jun. 2020.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real!** São Paulo: Boitempo, 2003.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.